

Pela primeira vez nas últimas legislaturas, o Congresso não vai paralisar inteiramente suas atividades no recesso de fim-de-ano: ontem, enquanto no plenário os presidentes da Câmara e do Senado presidiam a última sessão oficial de 1983, fazendo um balanço da atuação do Parlamento, um grupo de parlamentares do PMDB e do PDS decidiram prosseguir os trabalhos, à revelia do Regimento Interno.

O núcleo dos parlamentares que continuarão reunindo-se extra-oficialmente no Congresso, para manter o debate das questões políticas, está sendo organizado pelos senadores Carlos Chiarelli (PDS-RS), Jorge Bornhausen (PDS-SC), Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) e Severo Gomes (PMDB-SP).

Chiarelli chegou a consultar o presidente do Congresso, senador Moacir Dalla (PDS-ES), sobre a possibilidade de funcionamento formal desse "núcleo do recesso", mas a resposta foi negativa.

Essa preocupação de manter o Congresso em atividade em janeiro e fevereiro foi explicada pelo deputado Tidei de Lima (PMDB-SP), que considerou válido qualquer pretexto para uma convocação extraordinária.

— Se passar três meses fechado, quando reabrir em março o Congresso encontrará a eleição de Paulo Maluf já consolidada.

Tanto ele como outros parlamentares de todos os partidos acham necessária a presença dos parlamentares em Brasília para dar suporte às negociações entre oposição e governo, que mal se iniciaram.

— O momento é de grandes decisões e a classe política não pode entrar em férias — concluiu Tidei. Tanto o governo como a oposição precisam ter sensibilidade para negociar e evitar que o País seja atingido pelo mal maior, a eleição de Maluf ou Andradeza.

O presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, também teme o recesso e quer obter um requerimento de convocação extraordinária do Congresso, assinada por 2/3 dos parlamentares, para qualquer eventualidade.

— Precisamos ficar prevenidos. Ninguém está desejando, mas se acontecer algum fato grave, o Congresso poderia ser convocado imediatamente.

Balanços

Só os líderes e os presidentes das duas Casas do Congresso falaram na sessão de ontem. Na Câmara, o deputado Flávio Marçal (PDS-CE) assinalou que graças à abertura política o Poder Legislativo "reafirmou a sua independência" em vários episódios. Mas o líder do PMDB, Freitas Nobre,

RECESSO

O Congresso já está de férias. Mas muitos parlamentares vão ignorá-las.



Os líderes se despedem: Freitas, Marchezan, Chaves e Lucena.

observou que o Legislativo continua sendo ainda um "meio poder", e o líder do PT, Ayrton Soares, acusou as lideranças do PDS de tudo fazerem para que o Congresso não exista, sendo os responsáveis pela "submissão do Legislativo aos desígnios do Executivo".

O presidente da Câmara afirmou ter havido avanço na defesa das prerrogativas do Congresso e prometeu continuar lutando por elas. Segundo ele, a atividade parlamentar foi "muito fecunda", porque os deputados apresentaram nada menos que 3.248 proposições.

Mas Freitas Nobre observou que quanto as proposições do Executivo são

sempre aprovadas, as dos parlamentares em geral vão para o arquivo. "O deputado alegra-se quando consegue ver aprovado um projeto em seus quatro anos de mandato. Quando consegue."

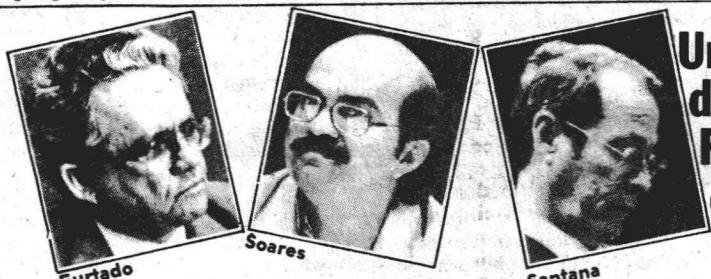
Como pontos importantes, destacou o fato de o Congresso ter reagido ao decurso de prazo, "assumindo corajosamente sua missão", a votação da minirreforma tributária e de recursos para a educação, a aprovação da nova LSN e a regulamentação da fiscalização do Executivo pelo Legislativo. Tanto ele quanto Ayrton Soares, do PT, criticaram o uso seguido do recurso ao decreto-lei, pelo Executivo.

O líder governista Nélson Marchezan

rebateu as críticas e tentou caracterizar o ano que passou como "o ano da negociação".

Alergia

No Senado, foi tudo muito parecido, com apenas uma informalidade nova: a intromissão do senador Luiz Cavalcante (PDS-AL) no discurso do líder do PDT, Roberto Saturnino, para criticar o ministro Delfim Neto, totalmente desacreditado. "É por isso que a economia vem delfinando a cada ano." Saturnino respondeu à altura: quando Delfim for substituído, talvez Bach compõe uma nova cantata: "Delfim, a alergia dos homens".



Uma nova facção, com deputados do PMDB, PT e PDT. Para enfrentar os moderados e radicais.

Uma nova facção parlamentar está surgindo no Congresso, unindo num mesmo bloco, denominado **Movimento Progressista**, deputados do PMDB, do PDT e do PT, descontentes com as direções de seus partidos

— e que poderá, no futuro, vir a ser o embrião de um partido socialista.

O movimento foi desencadeado como resultado direto da Convenção Nacional do PMDB, realizada domingo, e que deu ampla

vitória aos moderados do partido. Os **progressistas** querem não apenas reagir ao **tancredismo**, que passou a dominar o PMDB, mas também à atuação "tumultuada e negativa" dos simpatizantes do PC do B.

Ontem à noite houve a primeira reunião informal dessa nova facção, para estudar a tentativa dos moderados do PMDB de elegerem para a liderança do partido o deputado Carlos Santana (ex-Arena e ex-PP), lançado domingo por Tancredo Neves.

Coordenadores do **Movimento Progressista**, como Manuel Costa Júnior (PMDB-MG) e Ayrton Soares (PT-SP), disseram que a "frente" oposicionista no Parlamento precisa ser reciclada. Eles vão lutar unidos para reeleger Ayrton Soares para líder do PT, eleger o deputado José Frejat líder do PDT e reeleger Freitas Nobre para líder do PMDB — desde que ele se comprometa a escolher 50% de seus vice-líderes entre os progressistas.

Mas a nova facção ainda não foi bem aceita por todos os **autênticos** da oposição. Enquanto o ex-deputado Antônio Carlos de Oliveira insiste na formação do **Grupo Teotônio**, dois integrantes do **Grupo Travessia** — Alencar Furtado (PMDB-PR) e Paes de Andrade (PMDB-CE) — estavam desanimados com as facções internas, que não resistiram à ofensiva moderada do PMDB.

Pecadores

Ontem, a portas fechadas, houve a primeira reunião da nova Executiva do PMDB para discutir a campanha pelas eleições diretas, a necessidade de convocação do Congresso em janeiro e fevereiro e para estabelecer uma escala de plantão dos dirigentes partidários para o recesso.

O novo secretário-geral do PMDB, o biônito Afonso Camargo (PMDB-PR), cuja escolha motivou grande número de protestos na convenção, aparentava a mais absoluta tranqüilidade: "Não é minha a tarefa de costurar o PMDB. Essa tarefa é do presidente Ulysses Guimarães. Minha função é trabalhar para melhorar nossa estrutura".

— A minha escolha foi um mero pretexto. O que houve, na verdade, foi uma disputa em torno de uma idéia. Prevaleceu a idéia de um partido realista, de lutar pela direta.

Procurado pelos jornalistas, Ulysses Guimarães reagiu com humor à pergunta se iria "costurar" o PMDB: "Você está me achando com cara de costureira...?" E disse que a escolha de Afonso Camargo não deverá gerar maiores problemas: "Acredito muito na conversão de pecadores..."

Ulysses confirmou que o partido está tentando colher assinaturas de 2/3 dos membros do Congresso, para sua convocação extraordinária. E recebeu os maiores elogios do terceiro vice-presidente, deputado Milton Reis (PMDB-MG): "O presidente, mais uma vez, saiu-se muito bem na convenção, com competência e mestria". Ulysses acrescentou: "E com cansaço..."